



A encruzilhada Netto Lopes

Aquele menino negro trabalhava incessantemente de sol a sol no campo esfolando os joelhos e as mãos na apanha de algodão, era um de muitos outros negrinhos que viviam em situação agonizante de extrema pobreza no Delta do *Mississippi*. Todos os dias em sua humilde casa, assistia ao pai espancar a mãe e os irmãos, não bastava tapar os ouvidos, os gemidos lhe penetravam a alma. Tinha vantagem de ser o filho mais velho, o mais veloz entre eles, aquele que sempre escapava às surras. Disparava na corrida com suas longas pernas, o pai tropeçava em seus próprios passos cambaleantes, dormia com a face enterrada na terra, e noutro dia não se lembrava de nada.

Em suas fugas o menino sentava-se frente à porta de um bar onde os “jazzistas” e tocadores de “blues” exibiam suas músicas recheadas de bebidas, jogatinas e meretrizes. Algumas cantavam ou dançavam exibindo o corpo nu, cada carne possuía seu preço.

Elas tinham algo em comum, morriam de tesão pelos violonistas. Lá também havia muitos outros negros pobres cujo gastavam todo seu mísero pagamento nas noites de esbórnia.

O sonho do garoto era adentrar o bar, fascinava-se pelo letreiro contornado entre lâmpadas coloridas, o “HIGHWAY HELL” era a balada mais badalada no centro do Mississippi. Já tentara penetrar diversas vezes, mas suas tentativas eram todas frustrantes, chegou a ser expulso a ponta pés, visto que era só um pobre menino com a semelhança de um mendigo do Delta. Amava o blues, aqueles timbres que soavam dos violões despertava a sensação extasiante na alma do garoto. Nessas madrugadas dormia sobre a calçada depois de despercebidamente acompanhar as canções do lado de fora. Quando chegava em casa perto das cinco da manhã o pai já se esquecera da noite anterior e todos já estavam prontos para um novo dia de trabalho.

Certo dia, Jeff presenciou um vulto em meio ao plantio, pensou estar delirando pela insolação, fechou os dedos e esfregou os olhos, mas o fantasma ainda estava lá. Era um homem negro, trajava um terno preto sua face estava ocultada sobre seu chapéu escuro, nos braços tinha um violão apoiado ao corpo, sobre os lábios grossos pendia um cachimbo.

Em meio a vastidão da fumaça se exibia aquele ser um tanto assustador, quanto enigmático. Por fim, a coisa se misturou a fumaça e dissipou no ar... Ele não se assustava facilmente, visto que a vida já era um terror, mas naquele dia, um ar gelado lhe subira às entranhas e suas pernas chegaram a estremecer. Ao término de um longo dia de trabalho, uma estrada longínqua os conduzia para casa, sobre o lombo queimado pelo sol pousava suas pequenas trouxas onde guardavam a boia fria, de pés calejados e descalços caminhavam por horas sobre o mormaço cantando “blues”, a canção do Delta, a poesia dos escravos. Jeff Wilde como sempre arranhava seus acordes introduzidos por suas notas marcantes. Canções em “Mi com sétima maior”, notas misturadas em meio ao coro dos peões. No lar, que nem merecia ser chamado de lar, acontecia tudo de novo, o sofrimento se espelhava no prato sempre vazio; no cheiro de aguardente fétido que exalava da boca do pai no momento em que surrava a mãe e os irmãos. Os dias tortuosos de Wilde eram sempre assim...

Já exausto da vida, decidiu morrer, sumir; desaparecer... Saiu de casa obstinado a nunca mais voltar, em pensamento blasfemava e conspirava contra o céu, já não tinha mais fé em Deus, por isso arrebentou o pingente de seu cordão e atirou ao vento o crucifixo. Desamparado, caiu por terra e gritou o nome de Lúcifer. O menino caminhou, caminhou e caminhou, nunca chegara tão longe, quando percebeu estar diante de um cemitério. Ouvia um som vindo de dentro daquele lugar assustador. Era um “blues” como nunca tinha ouvido, foi nesse momento que capitou o “feeling”, não podia ir embora sem conhecer o “Mestre da penta-tônica menor”, o “Senhor da lira”, o “Deus da arpa”.

Caiu no encanto do som como os pescadores se envolviam ao canto da sereia, o portão da casa dos mortos se abriu ele entrou. Aquele senhor estava sentado sobre um túmulo, na lápide continha uma marcação: “Jeff Wild (Delta, Mississippi, 8 de maio de 1911 – Greenwood, Mississippi, 16 de agosto de 1938)”

Ele ficou muito confuso e assustado, aquela era sua própria lápide- Mas como? Quem era aquele homem?

- Jeff, Jeff, você me chamou, cá estou! Quem é você? -

Tenho muitos nomes, mas isso não importa, digamos que sou apenas o ceifador O menino respondeu: -

Como me conhece? O que quer de mim? Primeiro sou eu quem pergunta, o que você quer de mim? -

Suponha que eu saiba de todos os seus desejos e pensamentos, só posso lhe conceder um trato segundo àquilo que sai de sua boca. Posso te dar tudo o quanto imaginar. Porém, para selarmos um pacto, preciso de sua presença em uma encruzilhada, leve um animal para ser sacrificado, também necessito de uma gota de seu sangue, à meia noite. -Como posso acreditar em você? Nesse momento o homem ergueu levemente aba de seu chapéu, foi então que o menino percebeu que seus olhos não tinham a íris, nem a pupila; muito menos a retina, eram brancos, profundos e ocultos. Nisto, gargalhou estridentemente e sumiu, desapareceu, deixando ficar somente o chapéu e o violão

Wilde desmaiou, acordou assustado, pensou ter tido um pesadelo, quando notou estar de fato num cemitério. O violão estava ali, assim como o chapéu, todavia, o túmulo era outro. – Será que estou ficando maluco? - agarrou o violão introduziu alguns acordes e percebeu certa virtuosidade no modo de tocar, nunca havia tocado daquele modo. Pôs a chapéu à cabeça saiu dedilhando aquele instrumento possuidor de um timbre incrivelmente doce e cativante. Naquele dia as coisas pareciam dar certo, logo pela manhã Wilde se aproximou do “Highway Hell”, não havia quase ninguém, exceto um homem de boa aparência tomando um Whisky mais o dono do bar que o servia. Percebendo o vacilo dos vigias, entrou. Ao subir, começou a tocar subitamente, estar no palco era como pisar nas nuvens como sempre imaginou. Ao ouvir o som o dono do bar gritou: - Hei, delinquente, desça já daí! O menino não parou, tocou como o mestre do blues, e no momento em que iria ser interrompido, o homem bem vestido do balcão interrompeu:

Deixe-o tocar – deixe-o tocar! Aquele homem se chamava David era quem pagava aos músicos do bar, era responsável por toda a patrocínio e parte decorativa do recinto. Seu diferencial estava no fato de também ser violonista, por isso conhecia um bom músico. Ao terminar a canção, David estonteado com o talento do músico chamou o menino e propôs um contrato. - Quer tocar nesse bar todos os finais de semana? Você terá um cache razoável, mas comes e bebes, além do prestígio de ser admirado pelas lindas morenas integrantes do recinto. Jeff Wilde, respondeu: - é claro que sim! -Ótimo, começará hoje à meia noite! Foi nesse momento que ele se lembrou do trato da noite anterior. - Sinto muito, nesse horário tenho um compromisso inadiável! - Então infelizmente, você perdeu o emprego. O garoto, saiu cabisbaixo, antes de atravessar a porta David gritou: - Hei espere! Que tipo de compromisso teria um garoto delinquente de quatorze anos e à meia noite?

